

# Medida não resolverá problema

A maxidesvalorização, em si, não resolve nenhum problema do País, na opinião do economista Celso Martore, nem tampouco devolve ao setor privado a confiança no sistema cambial. O princípio das maxidesvalorizações, segundo ele, é inviável num futuro próximo e a taxa de câmbio deve ser reativada, porque a paridade de preço não tem efeito. Nesse sentido, acha que a turbulência cambial de hoje exige uma administração mais dinâmica e sugere um sistema flutuante de taxa de câmbio. Esse mercado futuro de câmbio, em sua opinião, deveria ser administrado pelo setor privado e daria proteção do risco cambial.

Quanto à renegociação da dívida do País, Martore acha que tem vida de seis meses, porque foi uma estratégia montada apenas por banqueiros. Além disso, lembra que os custos sociais serão muito elevados porque o combate à inflação e ao endividamento gera estagflação. Mas, dentro do acordo entre o Brasil e o FMI, acredita que podem ser adotadas medidas inteligentes, porque o Fundo fixou metas gerais, deixando margem de manobra em muitos campos, como na política tributária e fiscal, no sistema financeiro, com possibilidade de alterar o IOF e os limites quantitativos do crédito. Deixa livre também os preços de bens e serviços do Estado, o que permite melhorar sua eficiência e "congelar investimentos incompatíveis".

Apesar de todas essas aberturas, Martone acha que há falta de estratégia geral: "vivemos uma adminis-

tração semanal dos problemas, mas precisamos explicitar o que queremos, porque as restrições externas vão perdurar e temos que trabalhar com elas".

O economista Cláudio Contador é mais direto: "Se a política econômica fosse eficiente não haveria necessidade de mudanças tão grandes e confusas." Ele vê vantagens na maxidesvalorização, como melhora na balança comercial, estímulo à produção, com consequente queda dos juros, aumento dos investimentos e do emprego. Mas aponta as desvantagens: inflação, insolvência de empresas endividadas com moeda estrangeira e problema de distribuição de renda. Assim, conclui que o remédio foi "traumático; se salvar tudo bem..." e destaca que qualquer efeito dependerá da expectativa favorável e confiança na medida. No entanto, ele mesmo lembra que nada se aproveitou com a maxi de 1979, que foi absorvida no ano seguinte. "Se ela foi inútil, a deste ano trará ainda maiores problemas." Ele alertou também para os graves riscos de tropeços e armadilhas na política monetária, em função da Resolução 432 que mostra US\$ 10 bilhões de depósitos nessa conta no Banco Central. "Se os empresários acreditarem em uma nova maxi, a tentativa de retirada será em massa e com isso teremos um estouro, que irá corroer a base monetária."

O Brasil, em sua opinião, atrofiou-se e corre o risco de cair num abismo e ficar entalado. E adverte que se for instalado o pessimismo não haverá qualquer saída.